

~~UMA FIGURA QUERIDA DE CAMPINAS~~

O Dr. TOMAS ALVES ~~NEM TRABALHO DE PELÁGIO LOBO~~

~~Um regresso das belas letras que enobreceram a medicina em Campinas~~

~~--- A atividade do clínico e as rodas jornalísticas --- A fundação da Maternidade~~

No círculo das relações de intimidade de minha família ocupavam posto de saliência alguns sacerdotes e alguns médicos, respeitáveis ou por suas virtudes ou por créditos de inteligência e de cultura, quando não por todos esses dotes concentrados e apurados em invejável harmonia. Cresci no conhecimento de figuras simpáticas e afáveis e o curso dos anos só tem concorrido para acentuar essas virtudes na visão de minha memória ou engrandecê-las na minha admiração. Pratico frequentemente essas voltas ao passado, recordando os homens que conheci e estimei e essa evocação, feita em horas silenciosas, causa-me um bem extraordinário, bem que será, certamente, conseguido por todos quantos realizem, pela imaginação, esses regressos ao passado e o comparem com as horas presentes, tão cheias de angústias e de dúvidas, e nas quais se movimentam pessoas e organizações com uma tão diversa concepção de dignidade aconselhada pelos clássicos entre eles Cícero e Sêneca, que discorreram sobre a amizade, a velhice e as meditações solitárias, seus meritos e seus confortos, e não tenho dúvida em receitá-lo para os homens que se sintam invadidos de desânimo ou de amargura neste período bravio e cru dos tempos correntes.

Vou continuar esta série com algumas figuras superiores e poderei hoje em foco uma de primeira plana - pela inteligência, pelo encanto pessoal, pelo prestígio enorme que conquistou neste Estado, e particularmente em Campinas, durante os trinta e cinco anos ativos e eficientes que ali viveu, repartindo a sua incessante faina entre o exercício da profissão de médico e na colaboração decidida, e sem contar a sua preciosa comunhão de esforços numa boa administração municipal a que também soube ser

vir devotada embora esporadicamente.

Evoco hoje a figura de Tomás Alves Filho, carioca de origem, filho de gente de alto lustre intelectual na Corte, a família dos Melo Alves em que esses predicados se manifestaram, por virtudes domésticas insignes nas mulheres e por manifestações de talento e generosidade, disfarçadas em expansões boêmias nos homens, expansões que, todavia, nunca marcaram a reputação e o conceito de nenhum deles.

Essa complexa e sedutora individualidade terá que ser recordada, por agora, em sua primeira fase, a de sua intensa e brilhante atividade literária, na Corte, nas rodas de jornalistas que se agrupavam nas mesas e salas da antiga "Gazeta de Notícias", atividade que se encerra em 1882, após 10 meses de colaboração na "Gazeta de Campinas". E vamos acompanhá-la nos anos seguintes, em que o jovem médico dono de um estilo terso e de invejável flexibilidade, tendo quebrado a pena de escritor e de cronista, consagrou-se, integralmente, ao formulário de suas receitas e à assistência da sua clientela. Só não alterou, nem poderia modificar, a veia superiormente irônica que nele se manifestava, permanentemente, na roda dos amigos íntimos ao criticar pessoas e fatos, da terra ou de fora dela, com esse poder de observação e de síntese que é um dom inato nos grandes palestradores.

Tomás Alves nasceu no Rio de Janeiro no dia de Natal, em 1857, e parece que a coincidência dessa vinda ao mundo na mesma madrugada em que a ele viera o Menino-Deus, teria que influenciar a formação do seu caráter, tecido sobre uma bondade e uma generosidade que entram, em geral, na contestura dos corações dos santos.

Seu pai foi um jurista de grandes méritos, o dr. Tomás Alves Júnior, formado pela nossa Academia em 1854, na mesma turma a que pertenceram Antônio de Queirós Teles Junior (depois Visconde de Parnaíba), Félix Xavier da Cunha, Francisco Januário da Gama

Cerqueira (pai do insigne professor L. B. da Gama Cerqueira), Rodrigo A. Monteiro de Barros, Sebastião Pereira (que administrou São Paulo e, pelos seus méritos e atos benéficos no governo, tem o seu nome numa rua que sai do largo do Arouche), Luís Silvério Alves Cruz (filho de velho tronco campineiro, que serviu ao partido conservador, na edilidade campineira e na Assembléia Provincial), Francisco Xavier Paes de Barros (mais tarde Barão de Tatui, grande figura da nossa velha nobreza social) e, além de outros José Maria Correia de Sá e Benevides que tem o seu nome ligado indissoluvelmente à velha Academia, como lente que foi e dos mais acatados e rigorosos, ligação essa que continuou através do genro, o invidável professor Gabriel de Resende e que ainda se prolonga nobremente sustentada pelo neto, o professor Gabriel de Resende Filho, atual diretor da Faculdade.

O dr. Tomás Alves Júnior já possuía em alta dose a vivacidade de apreciações na palestra, e nos estudos teve atuação destacada na advocacia, na antiga Corte após breve passagem por postos na alta política, como presidente da província de Sergipe. Seu nome ficou mais conhecido e acatado pelas suas obras jurídicas, pelos dois volumes de comentários ao livro que era o precioso vademecum dos antigos oradores judiciários, Código Criminal do Imperio. É muito provável que o acadêmico da turma de 54, nas suas expansões no seio da família, casado que foi com uma senhora de notável inteligência, d. Emília de Melo Alves, se referisse à agitação dos seus tempos de estudantes e às patuscadas em que havia tomado parte. Seus filhos, entre os quais o nosso biografado e um outro João Tomás que aqui foi juiz provector, pois suas blagues não afetavam a seriedade e correção com que exerceu em São Paulo a magistratura - sentiram a atração da terra paulista e aqui se vieram fixar: Tomás Alves Filho formado em medicina em 1881 e João Tomás em direito, na turma de 1882.

Ambos haviam cursado, como era de praxe nas famílias cariocas, o Colegio D. Pedro II. Tomás teve ali, entre outros condiscípulos, Miguel Lemos, depois chefe da Igreja Positivista Brasileira, e companheiro de Benjamim Constant e Teixeira Mendes. Durante o curso ginásial, foi aluno de inteligência destacada e dividiu com Miguel Lemos a laurea dos "distintos" da sua classe e começou a revelar qualidades raras de escritor, aprimorando o estudo na leitura dos mestres consagrados. Esses mestres eram em maioria os portugueses. Mas, nos ultimos anos ginásiais durante todo o curso médico, de 1876 a 1881, a influência literária francesa o empolgou como estava empolgando toda a sua geração. E repontou, no estudante de medicina, um esplêndido cronista, que Ferreira de Araújo atraiu logo para o seu jornal, verdadeiro curso de preparação dos futuros literatos do Brasil. É provavel que a preparação científica tivesse sido sacrificada por essas preferências literárias, mas Tomás Alves supria a desvantagem com a extraordinária inteligência e com a acuidade e penetração que mais tarde revelaria no exercício da profissão.

Estava em voga, entre os jovens jornalistas e escritores que faziam a guarda avançada das correntes literárias, o naturalismo que nos vinha da França nas obras de Flaubert e Zola. Com a língua francesa, os rapazes - entre os quais Tomás Alves, Artur Barreiras, Artur de Oliveira, Lucindo Filho e alguns outros - davam à língua uma esbelteza nova e um colorido mais rico, conservando dos modelos do nosso vernáculo, a riqueza do vocabulário e a correção impecável da sintaxe.

Na "Gazeta" começaram a aparecer em 1879 esses trabalhos literários sob o pseudonimo de Hop-Frog e essa colaboração se estendeu pelos anos próximos, até janeiro de 1882, data em que se mudou para Campinas. Eram contos de uma admirável feitura, em que os mestres franceses deixam transparecer suas longínquas reminiscências pela maneira de tratar os temas colhidos ao natural e sem

aquela preocupação de descrever quadros torpes ou cenas de alcouce que inficionaram alguns dos nossos escritores, da chamada "escola realista". Muitos dos contos do Hop-Frog - e é pena que não tenham sido reunidos em volume - poderiam ser lidos hoje com enlevo, porque igualam o que ha de melhor nesse difícil e perigoso gênero de que Maupassant foi o mestre insuperado.

Na serie de conferências que aqui realizou em 1917, sobre Machado de Assis, no mais completo estudo até hoje feito sobre o criador de "Quincas Borba" e "Dom Casmuro", Alfredo Pujol dedicou a Quarta aos contos de Machado de Assis produzidos na fase de ascensão do escritor que coincidiu com a aparição da plêiade de poetas e prosadores - os novos de 1879 - plêiade "viçosa e galharda cheia de fervor e convicção", observando que a musa romântica espirava e começavam a aparecer os parnasianos, então apontados como os revolucionários... Nesse arrolamento dos inovadores, ao lado de Artur de Oliveira (irmão de Alberto de Oliveira), "espírito peregrino que viveu mais pelo verbo do que pela ne", coloca Pujol o nome de Tomás Alves, pelo seu pseudônimo literário, entre os maiores da geração:

~~~~~~~~~  
"Poucos também saberão nos dias que correm, quem foi Hop-Frog... Está bem perto de nós. É o sr. Tomás Alves Filho, que há mais de trinta anos exerce a clínica médica na cidade de Campinas.

"Tomás Alves Filho sob o pseudonimo de Hop-Frog, foi o primeiro contista brasileiro, filiado ao naturalismo. Eça de Queiroz e o autor da "Comédia do Campo" foram talvez os seus melhores modelos, mas o discípulo fez desde logo obra de mestre".

.....  
"Naqueles folhetins da "Gazeta de Notícias", hoje completamente desconhecidos, surgia assim a nova escola, dissecando as minúcias mais imprevisitas do mundo exterior, num estilo forte, vibrante, cheio de surpresas no raro vigor descritivo e na rutilante clareza da expressão."

igual ao todo

Mudando para São Paulo e indo fixar residência em Campinas, provavelmente atraído pelas notícias da opulência daquela zona cafeeira no fim do decênio do seu incontável fustígio, o escritor ainda manteve, no correr de 1882, contato íntimo com a literatura, formando no grupo de jornalistas e polemistas da propaganda que faziam da "Gazeta de Campinas" seu quartel general, sob o comando do cintilante Quirino dos Santos. Ali ainda escreveu 14 crônicas, entre elas, e das melhores - "Biografia de uma flor" - "Debandada" - "Um trecho de vida" - "A morta" - "A mania do sineiro" e a última delas, em 10 de dezembro de 82 - "A véspera do noivado" . Mas nesse mesmo ano, o médico-cronista casou em Campinas com uma filha do major Manuel Reginaldo de Moraes Sales, d. Etelvina, e com esta formou um lar feliz, assistido pela vigilante companheira; - e essas doçuras da nova vida, para um rapaz inteligente, insinuante, mas até então sempre envolvido pela sedução das rodas literárias, com seus excessos boêmios e suas inevitáveis pagodeiras - levaram-no a quebrar a pena e a abandonar, de uma vez, aqueles sedutores desvaneios. Se continuasse - teria sido, sem dúvida, um dos nossos escritores consagrados. Mas a medicina ganhou um sacerdote de alto padrão, que honrou e serviu à população campineira desde aqueles anos de 84 a 88, que foram os da preparação das reformas fundamentais - Abolição e República - e nos anos seguintes em que três epidemias seguidas de febre amarela assolaram a cidade, abatendo a sua riqueza, dispersando as suas grandes fortunas e pondo à prova a coragem e a abnegação de sua classe médica, da qual Tomás Alves começou a ocupar um posto de singular destaque. Aliás, a vida agitada e bulhenta de jornalistas e literatos, naquele período de agitações políticas, teria, certamente, que sacrificar a carreira do jovem médico; e ele que, nos anos de curso acadêmico no Rio chegara, com os boêmios de sua roda, a apurar não só o estilo de prosador, mas até as agilidades de brigão, fazendo um curso de capoeiragem com um dos fulas, catedrático em "rabos de arraia" num centro daquele esporte de defesa pessoal, hoje destronado pelo jiu-jitsu, converteu-se no mais pacato dos

chefes de família, absolvido pela visita à clientela na cidade e resumindo suas excursões a uma ou outra saída pelas fazendas do município e, de tempos, uma sortida para estações de águas, ou para a Europa. Era um ledor insaciável, e, quando, de tiburí, percorria as ruas da cidade - antes da chegada de automóveis - era sempre visto com o nariz mergulhado nos livros - e estes nem sempre eram da medicina...

Andava em dia com o movimento literário, e científico do Brasil e do estrangeiro. E amenizava a dureza da profissão com aqueles inocentes refúgios intelectuais. De outros aspectos de sua atividade falaremos no próximo artigo.

A classe médica de Campinas, no período inicial da atividade de Tomás Alves já contava muitas figuras de alto porte, cujos nomes se propagavam, nas asas da fama, para outros pontos do Estado. Sem falar na figura tão pitoresca e cheia de contradições do dr. Ricardo (Ricardo Gumbleton Daunt), que não dispensava a sobrecasaca preta, botinas de verniz e cartola, completada a indumentária com um guarda-sol vistoso de cabo retorcido - figura estranha que o próprio Tomás Alves relembra em caricaturas magistras, ali trabalhavam outros médicos de renome: Cândido Barata Ribeiro, Cassiano de Noronha Gonzaga, Guilherme da Silva, o Visconde de São Valentim (dr. Valentim da Silveira Lopes), Pereira Lima, João Guilherme da Costa Aguiar e alguns mais, compondo, um grupo ao qual se juntariam em breve outras figuras ilustres entre as quais Vieira Bueno, de quem escrevi dois rodapés, e o lucidíssimo Bráulio Gomes.

Em 1882 estava a lavoura campineira de café em seu maior fastígio: o município era rico e as fortunas dos lavradores se derramavam em realizações de grandes arrojos. Na direção clínica da Santa Casa estava Guilherme da Silva que seria, mais tarde, o companheiro inseparável de Tomás Alves, pouco mais ve-

lho do que ele e formado dois ou três anos antes. Entrara o jovem médico com decisão na atividade profissional, procurando desatar os compromissos que assumira na família dos literatos, cercados, já então, de muito má fama. Naquele decênio que precedera a proclamação da Republica a agitação política era intensa; Campinas era quartel general da propaganda, e os chefes do movimento conquistavam prosélitos em todos os setores. Tomás Alves, ligado pelo casamento a uma senhora da família dos Sales, tinha que colaborar, como colaborou, na campanha, desenvolvendo, aliás, suas tendências animosas já demonstradas desde os tempos de estudante.

Dos seus contemporâneos do Colégio Pedro II recordava ele, em palestras, o futuro chefe positivista Raimundo Teixeira Mendes e o escândalo que este provocara em 1873 ao recusar juramento regulamentar, pelo que lhe foi negada a colação de grau. Nas rodas de republicanos exaltados contava colegas e amigos, jornalistas e médicos; não era, pois, novidade que viesse a engrossar as fileiras da falange republicana e abolicionista de Campinas.

Aos dotes de inteligência, de perspicácia e de fluência na exposição de ideias e convicções, acrescentava um poderoso encanto pessoal e uma simpatia dominadora. A figura era já de si atraente: belo tipo de homem, claro e esbelto; e, fazendo contraste com a juvenil aparência e as belas cores, ostentava uma cabeleira que, aos vinte e cinco anos, já era grisalha e aos trinta inteiramente branca, com uma alvura de pasta de algodão. Aliás, os Melo Alves encaneciam muito cedo e os que aqui conheceram o juiz, João Tomás, poderão confirmar essa notícia.

Por aquele tempo, desligado embora de compromissos maiores com as "belas letras", como se dizia, não se afastava da roda dos escritores e polemistas que na "Gazeta de Campinas" faziam ponto de reunião - Quirino dos Santos, Carlos Ferreira, Cam



pos Sales, Glicério, Jorge Miranda, Américo Brasiliense, Júlio Ribeiro, João Vieira de Almeida e o bloco dos jovens no qual se enfileiravam muitos dos nossos políticos da primeira República. Ao lado disso, e sem sacrifício da atividade clínica, frequentava ele a roda que o livreiro francês Alfredo Genoud formara em sua residência, em encontros mensais, com almoços suculentos, ~~regados~~ regados por uma vinhança copiosa e do melhor estilo, importada diretamente da França, e nos quais a esposa do anfitrião demonstrava seus recursos culinários aprendidos na boa escola da cozinha provincial francesa. Ali se encontravam Tomás, Pereira Lima, Pedro Sanchez de Lemos, o padre Sena Freitas, Glicério, Hipólito Pujol, Guilherme da Silva e um ou outro patricio do dono da casa. As palestras - ao que me narrou Pedro Sanches - eram vivas e variadas, e Madame Genoud nelas intervinha quando o entusiasmo começava a acender labaredas no olhar dos comensais. De uma dessas reuniões, com menú de pratos excitantes e Bourgognes generosos, saíram Tomás Alves e Pedro Sanches mais cedo, dando o braço ao já trôpego Sena Freitas, que se excedera nos "goles", enquanto Glicério e Guilherme da Silva se encarregavam do transporte do Sr. Pereira Lima que, pouco acostumado a esses prélios de garfo e copo, fraquejara na primeira mistura enquanto os outros, mais fortes e treinados entravam a fundo na adega do pacato e sorridente anfitrião, sem darem mostras de fraqueza.

Aos dotes de escritor elegante e desempenado - dotes que conservou até o fim da vida, acrescentava Tomás Alves uma verve esfusante na caricatura. Quando em visita médica a alguns amigos de maior intimidade, depois de formulada a receita, passava a rabiscar, com a pena, folhas esparsas e ia desenhando figuras de colegas com uma extraordinária naturalidade. Do dr. Ricardo que nunca consentiu, em ser fotografado, fazia ele, em poucos traços, uma caricatura que, para os que conheceram o cons

pícuo médico irlandês, substituiu perfeitamente um retrato a óleo. E, assim, Pereira Lima, Vieira Bueno, Bento Quirino e o engenheiro José Pereira Rebouças.

- 0 -

Proclamada a República, e muito embora já fossem curtas as horas do dia e da noite que consagrava à sua clientela, a mais vasta de Campinas e das terras vizinhas, nela se confundindo ricos, que pagavam, e pobres e remediados que nunca pagaram um tostão - entrou na composição da primeira Câmara, nomeada pelo Governador Prudente de Moraes e empossada em janeiro de 1890, juntamente com Antônio Lobo (presidente e, por lei, chefe do executivo), Luís de Pontes Barbosa, Joaquim Ulisses Sarmiento, José Pereira Bueno, Herculano Pompeu de Camargo, Antônio Lapa, A. F. de Andrade Couto e alguns outros que serviram como substitutos. Essa Câmara se manteve até o governo de Américo Brasiliense, que a derrubou e substituiu por outra. Com a queda do governo de Américo Brasiliense, voltou Tomás Alves, a pedido insistente do governo de Cerqueira César, a servir à municipalidade, já então como presidente. Mas afastou-se da teia política, só voltando a servir como vereador eleito em 1899, na Câmara presidida pelo dr. Carlos Guimarães.

Era a Câmara de transição política nacional de Prudente a Campos Sales destinada a reconquistar a ala glice-rista que se colocara à margem desde 1897.

Nesses trabalhos, embora sem rigorosa continuidade, Tomás Alves exercia invariavelmente uma função de dissipador de prevenções e aplainador de pequenos desentendimentos: - pela preponderância social que conquistara, estimado com fervor por todos os colegas e pelos antigos correligionários, era ela a grande voz e a grande força apaziguadora e unitiva da Municipalidade valiosamente apoiado na Câmara de 99 pelos drs. Adriano de Barros, Paulo Machado Florence, Cândido Gomide,

Cândido Alvaro e o brasileiro de Portugal João ~~de~~ Francisco Ferreira Jorge. Findo o mandato dessa Câmara e empossada a seguinte, que iria ter uma existência agitada, pelo movimento de insubordinação dos marchantes de carne verde que o intendente Antônio Lobo enfrentou com decisão, Tomás Alves nunca mais voltou a servir em cargos eletivos de administração pública e recursou, mais de uma vez, os convites sedutores para entrar na chapa da deputação estadual. Quando era necessário, no preparo de pleitos fervorosos, saía ele num trabalho de cabala a que ninguém resistia e assim confirmava uma solidariedade que as questiúnculas partidárias jamais arrefeceram. Essas escaramuças ocasionais não o desatavam, porém, da clínica.

É que sua vida já se sentia confundida com as vidas dos seus doentes e a sua atividade profícua se acrisolava na assistência à gente pobre e miserável. Fôra até 1899, como em geral os médicos antigos, clínico e cirurgião, impondo-se, nesses dois ramos, com a mesma autoridade.

Sofreu, porém, um gravíssimo acidente no curso de uma operação: - no velho "Teatro São Carlos", - feriu-se com o bisturi e apanhou uma infecção que quase o levava à cova. Acorreram a Campinas as sumidades médicas do Estado e Carlos Botelho o operou com destreza; salvou-lhe a vida mas teve que inutilizar os movimentos do indicador da mão direita. Tomás Alves abandonou, desde então, a cirurgia. Instalara um consultório no centro da cidade, abastecido por vasto instrumental adquirido na Europa. Depois desse acidente a parte cirúrgica ficou entregue exclusivamente ao seu novo companheiro de escritório, dr. Amâncio da Cunha Mota, que, em perícia e segurança, emparelhava com os mais perfeitos artistas do bisturi de São Paulo.

No último quartel de sua existência promoveu Tomás Alves, numa conjunção de esforços com o dr. Francisco Bettim Paes Leme, a fundação de uma maternidade, para as puérperas sem recursos financeiros e também para as de recursos, que, muitas vezes, sucumbiam, ante à falta de uma instalação adequa-

da e de pessoal adestrado que pudesse atender com presteza a esses transe inesperados.

Não fosse o trabalho conjugado desses dois médicos e a "Maternidade de Campinas" não teria vindo, como veio, para servir ao município campineiro e a municípios vizinhos e, mesmo distantes do interior que para ali encaminham suas gestantes.

Foi esse o seu último trabalho em moldes largos, visando a assistência pública e particular. A semente que lançou à terra frutificou prodigiosamente. E ainda agora, a quem passe pelo hospital que os dois médicos idearam e tiveram a audácia de instalar, com o apoio da classe e de toda a sociedade campineira; ainda gora, a quem passe pela rua Andrade Neves, os bustos em bronze de Tomás<sup>9</sup> Alves e Francisco Betim erigidos entre flores e gramados risonhos se impõem como dois guardas vigilantes a reclamarem silêncio e respeito para as aflições e dores que se advinham atrás das paredes daquela instituição.

- 0 -

Em 23 de abril de 1920, com 63 anos de idade, mas com um vigor físico que prometia vida mais longa, faleceu Tomás Alves em sua residência de Campinas, na mesma casa alugada que ocupou durante cinquenta anos - casa que muita gente acreditava fosse de sua propriedade.

Seus funerais foram demonstração eloquentíssima de uma consternação pública que só se dispensa aos vultos de exceção, que a consciência popular coloca numa altura intermediária entre os homens e os santos.

A obraliterária de Hop-Frog lhe havia dado um posto de relevo entre os melhores artistas da pena no Brasil. Essa glória entretanto passou - ou passará - como outras tantas glórias de que os homens costumam envaidecer-se. Mas a benemérita do médico, pelos desvelos de meio século consagrado aos doentes necessitados, essa não passa prontamente: - e, ainda

agora, apesar da mutação do cenário da cidade e da sua população, o nome desse sacerdote da medicina é repetido e abençoado pela geração que o conheceu e, assim, transmite essas bênçãos à outra geração. No busto de sua herma, na mais bela praça da cidade, revive, com fidelidade, aquela formosa cabeça e o olhar talhado no bronze, parece ter ainda expressão que tinha o original vivo. No cemitério da Saudade, outro busto indica o lugar em que repousam seus despojos, quase ao lado do do dr. Guilherme da Silva. Os clínicos ilustres, amigos de tantas horas felizes e solidários em tantos sustos da clientela, repousam par a par, por uma feliz destinação, acolhidos na mesma terra de Campinas, mãe adotiva que eles serviram e honraram como os melhores dos seus filhos.

ooo

São Paulo, 4-XI-1948  
~~Campinas, 4-XI-1948~~